

## O ATAQUE A MIRANDA, S.<sup>a</sup> EULÁLIA E SOURE EM 1116

São quatro os documentos nacionais, todos eles publicados nos *Portugaliae Monumenta Historica*, de cuja conjugação se vê o modo como foi realizado em 1116 um ataque por fôrças mouras contra os castelos de Miranda do Corvo, de S.<sup>a</sup> Eulália e de Soure, que constituíam a linha curva de fortificações avançadas que defendiam Coimbra: a Crónica dos Godos, o Cronicon Conimbricense, o Cronicon Lamecense e a Vida de S.<sup>o</sup> Martinho de Soure.

Dera-se uma violenta irrupção dos musulmanos almorávides que se saldara por grande mortandade e numerosos cativos. Nesse ano reinava Dona Teresa. Ora em *Naẓm al-Jumân* de Ibn al-Qaṭṭan refere-se a esse acontecimento através duma ementa sucinta. Diz ela na epígrafe referente aos acontecimentos do año 509:

“Entre eles situa-se a guerra santa a bem do Altíssimo Deus com a incursão de Abd Allah ibn Fatima, governador de Sevilha”.

Nenhuns outros informes militares relativos ao Andaluz a respeito desse ano encerra aquela epígrafe. É isto, e só isto, o que Ibn al-Qaṭṭan nos fornece relativamente a esse dito año de 509 (27 Maio 1115 / 15 de Maio de 1116).

Començaremos por assinalar que o comentador desta crónica, o Dr. Mahmoud Ali Makki, tem uma chamada ao texto na qual declara que nenhuma das outras fontes dão notícia acerca da incursão referida nesta ementa. De facto assim é, na verdade; pelo menos quanto às fontes mussulmanas. Nem sequer a importantíssima crónica que é o *Al-Bayân Al-Mugrib* no-la refere. E isto mais depressa nos leva a supôr que na verdade hajam os historiadores árabes confundido (melhor dizendo: fundido) esta incursão com a do ano seguinte a Coimbra, de que iria resultar o cêrco à cidade. É que a incursão de 1116 não passou duma fase preliminar num projecto mais amplo. Mas por outro lado não deixa de nos impressionar que o cronista que deu notícia desta incursão preliminar em 1116 haja omitido já a incursão portentosa de 1117; coisa que não fez o *Al-Bayân Al-Mugrib*. Todavia essa omissão, ou silêncio, de Ibn

al-Qaṭṭan —um “bejense” ao que parece— fala por si: passados vinte e dois anos ele irá manter o mesmo silêncio...

Passando agora à análise de fundo da ementa encontramos a expressão *Jihad*, que nós traduzimos por guerra santa embora rigorosamente se deva traduzir por guerra legal. Esta guerra santa ou guerra legal constitue preceito corânico. Bastaria este pormenor islâmico para nos certificarmos de que o cerco a Coimbra no ano seguinte constituiu o desfecho final duma guerra pensada e executada em grande escala; cerco ao qual assistiu pessoalmente o imperador Ali.

Ora a ementa em análise fala em Ibn Fatima; e a Vida de São Martinho de Soure declara textualmente que “Iben fatima namque rex maurorum... colimbrianorum fines crudeliter diripuit”. Eis, pois, como da conjugação deste texto e dos demais enunciados com esta ementa em análise se conclui que ela se reporta inequivocamente à incursão que levou ao ataque àqueles três castelos que serviam de guarda avançada a Coimbra em 1116. Acrescendo ainda a circunstância de que nenhuma das outras actividades bélicas deste Ibn Fatima registam as crónicas islâmicas respeitadamente ao ano de 1116.

Este Ibn Fatima era um dos mais valorosos caudilhos almorávidas. Com Mazdali arrebatara Valência aos cristãos; distinguiu-se em Toledo e Talavera; foi governador de Valência e do Andaluz Oriental, havendo tomado parte na batalha de Ucles. Em 503 (31 Julho 1109 / 19 Julho 1110) passou a governador de Granada e em 504 ficou como governador de Fez. Regressado que foi ao Andaluz em 509, logo o nomeou o soberano Ali para governador de Sevilha, em Maio / Junho de 1115<sup>1</sup>. Ora como é justamente um ano após que se dá o ataque preparatório e deprimatário aos subúrbios de Coimbra, bem se compreende que a sua nomeação para aquele cargo deva ter tido expressamente em vista a sua excepcional competência para uma guerra pensada em grande escala por parte do imperador Ali.

Uma passagem existe na Historia de Portugal que Herculanô escreve do seguinte modo: “Se atendermos ao nome que as memórias cristãs dão ao general sarraceno na invasão deste ano, ela parece ter sido capitaneada pelo vali de Córdova, Yahya Ibn Tasfîn”<sup>2</sup>. A explicação desta suposição não se afigura difícil. Com efeito, o governador de Sevilha que imediatamente precedeu Ibn Fatima foi a príncipe Yahya Ibn Tashfîn, primo do imperador Ali<sup>3</sup>. Fora

<sup>1</sup> Al-Bayân al-Muġib, t. 4.º, p. 106, ed. Dar Assakafa, Beyrouth 1967.

<sup>2</sup> *História de Portugal*, 9.ª ed., t. 2.º, p. 84.

<sup>3</sup> Al-Bayân al-Muġrib, idem, idem. Também *The age of the Almoravides and Almohades*, de Mohamed Abdulla Enan, Parte 1.ª, Cairo 1964, p. 72. Este personagem (ao qual a Raw al-Qirtas omite a “kunya” de Abu Bakr: cf. a trad. de Huici Miranda, vol. 1.º, 1964, p. 317; e Bosch Vilá, *Los Almorávides*, p. 194) já estava em 18 de Dezembro de 1118 no cerco a Zaragoza, também

nomeado governador em Maio / Junho de 1114, permanecendo nessas funções pouco tempo, pois precisamente em Abril / Maio do ano seguinte foi exonerado desse cargo, sendo logo a seguir nomeado governador de Córdova. Assim, terão alguns cronistas cristãos tomado o comandante das forças em 1116 pelo governador que em Córdova o era desde um ano antes. Uma similar suposição iremos encontrar mais tarde. Mas também pode dar-se aqui uma hipótese semelhante àquela que atrás referimos quanto a historiadores árabes, e segundo a qual estes podiam ter fundido numa única ementa os dois eventos: o de 1116 e o de 1117. É que, na verdade entre as forças que em 1117 vieram atacar Coimbra contavam-se as de Córdova, conforme veremos; forças estas últimas comandadas, evidentemente, pelo respectivo governador, o qual nenhum documento conhecido nos diz que não continuasse a ser aquele Yahya bin Tashfin atrás aludido. Teremos, pois, na hipótese vertente a menção dum comandante militar que, embora nenhuma crónica mussulmana nos asseverar ter vindo ao ataque preliminar de 1116, estava todavia presente em Coimbra no ano seguinte. Eis uma explicação.

O castelo de S.<sup>a</sup> Eulália foi arrazado “até os fundamentos”, conforme escreve Herculano. Este facto era típico dos almorávidas. O mesmo viria a fazer Tashfin bin Ali ao castelo de Azeca em 1131, consoante declara a *Chronica Adefonsi Imperatoris*. O mesmo faria também este Tashfin em 1133 ao castelo de Idanha-a-Velha, consoante refere a Nazm Al-Jumân.

Dissemos acima que as crónicas islâmicas nenhuma outra actividades bélicas de Ibn Fatima registam relativamente ao ano de 1116. Se considerarmos que em 1117 estavam presentes ao cerco a Coimbra também as tropas de Sevilha; se considerarmos que esse Ibn Fatima foi exonerado de governador de Sevilha uns seis meses após o cerco a Coimbra (no mês de Ramadan de 511 = 27 Dez<sup>o</sup> 1117 / 25 Jan<sup>o</sup> 1118)<sup>4</sup>, e que não havendo nada em contrário que o declare deve, evidentemente, ter permanecido como governador daquela província andaluza ininterruptamente até esta data, desde o momento em que para tal cargo fora nomeado em Maio / Junho de 1115, se considerarmos finalmente que as crónicas islâmicas nenhuns outros factos registam para a parte ocidental do Andaluz nestes anos de 1116 e 1117 que não sejam aqueles que são concernentes à guerra santa contra os territórios da “formosíssima Teresa”; mas se considerarmos ainda que esta *Jihad* foi precedida de preparativos oficiais a que

---

perdida para os almorávidas. Mas em fins de 1115 fora derrotado em Baeza pelos castelhanos (cfr. Enan, *The Age*, p. 72). A sucessiva localização deste individuo nos quatro anos de 1115, 1116, 1117 e 1118 permite dar uma ideia da extrema mobilidade dos exércitos almorávides, uma das suas características.

<sup>4</sup> Al-Bayân al-Muğrib, idem, idem.

as fontes islâmicas dão grande realce —teremos o terreno preparado para discernir o que fora a incursão contra Coimbra em 1117, onde então se encontrava esse Mulher, viúva do Conde D. Henrique, que merece ser perpetuada no bronze...

Resta-nos o exame cronológico da marcha dos efectivos militares. A este respeito há que notar desde logo o seguinte: uma vez que a ementa declara que foi no ano 509 que se situou a incursão de Ibn Fatima, e dado que este ano terminava em 15 de Maio de 1116, logo se depreende, através de confronto com as fontes cristãs, que o cronista pretendeu reportar-se na sua informação não ao evento que constituiu o escôpo final da campanha, mas sim ao início da marcha para a incursão. Isto mesmo, aliás, parece estar corroborado pela circunstância de o cronista não mencionar qualquer local em que esse evento final se produziu. Ora a segunda ementa da Era de MCLIV da Crónica dos Godos declara que o castelo de S.<sup>a</sup> Eulália foi atacado nas nonas de Julho, isto é em 7 de Julho, embora Fr. António Brandão compute a 4 desse mês<sup>5</sup>. Mas antes deste tinha sido já tomado o castelo de Miranda. Agora partamos do princípio de que Ibn Fatima chegara a Miranda em 1 de Julho e que tinha partido de Sevilha no último dia do ano hegiriano de 509 (= 15 de Maio de 1116). Teremos encontrado assim um lapso de tempo de cerca de mês e meio para o percurso entre Sevilha e Miranda —tempo máximo. Simplesmente, a partida de Sevilha podia ter ocorrido em 15, 14, 13... de Maio; a marcha pode não ter sido pela estrada romana via Aracena-Aroche-Serpa etc. Há que ponderar também em que os efectivos militares não deviam ser inferiores à própria guarnição militar de Sevilha<sup>6</sup> —o que ajuda a confirmar o passo “ingenti agarenorum multitudine” da Vida de S. Martinho de Soure. Em resumo, não andaremos muito longe da verdade se dissermos que deve ter oscilado entre quatro e cinco semanas o tempo que levou a chegar a Miranda aquele Ibn Fatima<sup>7</sup>.

Lisboa.

MARTIM VELHO

<sup>5</sup> *Crónica do Conde D. Henrique*, ed. Livr. Civilização, Porto, p. 178.

<sup>6</sup> O exército permanente do Andaluz era —pelo menos nos primeiros tempos— constituído por 17.000 cavaleiros. Só em Sevilha e bases do oeste estavam 7.000: *The Age*, idem, p. 419.

<sup>7</sup> Este Abb Allah bin Fatima não se chamava Abde Almálique, como diz Luis Gonzaga de Azevedo. Nem “se identifica com o moiro Brafimi da doação de Froila Spasso”, porquanto Ibn Fatima em 1112, quando “o conde de Portugal se dispunha a partir para Astorga”, estava em Fez como seu governador; e só em 509 (27 Maio 1115/15 Maio 1116) é que regressou ao Andaluz (veja-se a *História de Portugal* da sua autoria, no. vol. 3.º, pp. 112; 133; 215, nota 8).